



PALIMPSESTOS

REVISTA DE ARQUEOLOGÍA Y ANTROPOLOGÍA ANARQUISTA

Número 0 - Año 1 - Abril de 2017

/

ISSN en Trámite

PALIMPSESTOS

REVISTA DE ARQUEOLOGÍA Y ANTROPOLOGÍA ANARQUISTA

Número 0 - Año 1 - Abril de 2017



COORDINACIÓN

Leonardo Faryluk

COLECTIVO EDITORIAL

Cristian del Castillo Müller

Leonardo Faryluk

Juan Carlos Mejías

Camilo Araya Fuentes

Alma Lerma Guijarro

Diego Mellado

COLECTIVO ACADÉMICO

Guilherme Falleiros

Camila Jácome

AUSPICIOS Y AMIGXS

De la Roca al Metal - <http://www.delarocaalmetal.com/>

Anarchaeologie - <http://anarchaeologie.de/>

(A)narchaeology - <http://www.anarchaeology.org/>

Erosión: Revista de Pensamiento Anarquista - <http://erosion.grupogomezrojas.org/>

Pampa Negra: Boletín del Taller de Estudios Anarquistas en Antofagasta -

<http://pampanegra.blogspot.com.ar/>

Acracia: Periódico Anarquista de Valdivia - <https://periodicoacracia.wordpress.com/>

Federación Anarquista Local de Valdivia - <http://federacionlocalvaldivia.org/>

Contrahistoria - <http://revistacontrahistoria.blogspot.com.ar/>

PALIMPSESTOS: REVISTA DE ARQUEOLOGÍA Y ANTROPOLOGÍA ANARQUISTA es una publicación digital independiente, orientada a la socialización de trabajos de investigación, estudios de casos, reflexiones teóricas, aportes metodológicos y experiencias prácticas desde una perspectiva anarquista amplia; que acepta contribuciones vinculadas a la arqueología, antropología, bioantropología y gestión de referentes culturales.

Como propuesta libertaria, esta revista intenta borrar fronteras y distancias, esperando contribuciones de autores de todos los rincones del globo. Por cuestiones técnicas y limitaciones idiomáticas, se sugiere que los trabajos estén redactados en inglés, portugués o español. Serán publicados en idioma original y sus correspondientes traducciones al último mencionado. Aquellos textos escritos en cualquier otro idioma, podrán ser incluidos si el/la autor/a se encuentra en posibilidades de aportar la traducción correspondiente.

La convocatoria es permanente, los trabajos pueden enviarse durante todo el año. Sin embargo, periódicamente los/las editores decidirán una fecha de cierre para la selección de cada número. Los trabajos recibidos a partir de la misma quedan automáticamente en consideración para el número siguiente.

ISSN en trámite

Diseño de Tapa:

Leonardo Faryluk

Fotografía de zendritic – “Berlin Brick” (<https://www.flickr.com/photos/zendritic/7608692260/>)

Logos:

Diego Mellado

“Homenaje a un sencillo elemento de la naturaleza, que ha marchado junto a los flujos humanos del Planeta Tierra: la piedra. Diario del pasado, herramienta primordial, retrato de nuestra antigüedad ¿Qué historias narran las voces de las rocas? ¿Cuál es el lenguaje de sus huellas?” – Ilustración en acuarela con agua de nieve andina.

Diseño y Montaje:

Colectivo Editorial de Palimpsestos: Revista de Arqueología y Antropología Anarquista

Traducciones:

Leonardo Faryluk

Contacto:

palimpsesto.anarquista@gmail.com

Sitio Web:

www.palimpsestoanarqui.wix.com/palimpsestos

San Fernando del Valle de Catamarca – Catamarca – Argentina



Esta obra is licensed under a Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional License. Esto significa que los contenidos de esta obra pueden ser reproducidos siempre y cuando se señale la autoría y no sean utilizados con fines comerciales. Palimpsestos: Revista de Arqueología y Antropología Anarquista es una publicación amplia, tanto en su concepción disciplinar, sus inquietudes socioculturales, como en el criterio aplicado en la selección de los materiales. Por ello, no necesariamente comparte las opiniones vertidas por lxs autores.

CONTENIDO

Editorial: Orígenes (<i>Faryluk, L.</i>)	7
La Metáfora del Progreso (<i>Araneda Hinrichs, N.; Becerra Parra, R. y J. Benöhr Riveros</i>)	11
Foundations of an Anarchist Archaeology: A Community Manifesto (<i>The Black Trowel Collective</i>)	21
Bases para una Arqueología Anarquista: Un Manifiesto Comunitario (<i>Colectivo Cucharín Negro</i>)	31
Sophisticated Rebels: Meaning Maps and Settlement Structure as Evidence for a Social Movement in the Gallina Region of the U.S. Southwest (<i>Borck, L.</i>)	39
Rebeldes Sofisticados: Mapas y Estructuras de Asentamientos como Evidencia de Movimientos Sociales en la Región Gallina del Sudoeste de Estados Unidos (<i>Borck, L.</i>)	75
Abusos, Tributos y Rebeldías: El despojo colonial en el Corregimiento de Atacama, Siglos XVI-XVIII (<i>Del Castillo Müller, C.</i>)	111
El Origen del Estado y la Desigualdad Social: La Revolución Neolítica (<i>Cruz, R.</i>)	145
Notas para una Crítica Anarco-Indígena a o Individuo (<i>Falleiros, G.</i>)	189
Notas para una Crítica Anarco-Indígena al Individuo (<i>Falleiros, G.</i>)	209
Paisaje y Materialidad en Tucumayo: Aproximaciones desde la Arqueología Anarquista a una Comunidad Arqueológica de Mutquín, Catamarca – Argentina (<i>Faryluk, L.</i>)	227
The Bully's Pulpit: On the Elementary Structure of Domination (<i>Graeber, D.</i>)	251
El Púlpito del Matón: Sobre la Estructura Elemental de la Dominación (<i>Graeber, D.</i>)	263
Porque discutir Feminismo na Arqueologia? (<i>Intro: Jácome, C.</i>)	275
¿Por qué discutir sobre Feminismo en la Arqueología? (<i>Intro: Jácome, C.</i>)	283
Arqueología Anarquista: Conceptos Básicos (<i>Lerma Guijarro, A.</i>)	289
Documento Histórico: “Los Tehuelches: Sus hábitos, costumbres, creencias y tradiciones” por Solano Palacio (<i>Intro: Mellado, D.</i>)	311
Arqueología, Ciencia y Acción Práctica: Una Perspectiva Libertaria (<i>Morgado, A.; Abalos, H.; Berdejo, A.; García-González, D.; García-Franco, A.; Jiménez-Cobos, F. y A. Rodríguez-Sobrino</i>)	319
Hacendados, Científicos y sus Trofeos de Guerra (<i>Valko, M.</i>)	357



PORQUE DISCUTIR FEMINISMO NA ARQUEOLOGIA?

Introdução por Camila Jácome
<https://ufopaedu.academia.edu/CamilaJácome>

A teoria feminista e seus desdobramentos na teoria de gênero tem sido discutida na Arqueologia desde pelo menos os anos 1970. No entanto, a práxis do feminismo, como ação política de luta contra a estrutura patriarcal, contra as opressões cotidianas vivenciadas por aquelas que operam a arqueologia - pesquisadoras, estudantes e trabalhadoras - é um assunto ainda com pouca visibilidade.

Porque? Se a Arqueologia enquanto crítica a uma sociedade e as histórias dominantes se debruça sobre agentes invisibilizados, porque o feminismo ainda se faz necessário? A resposta para esta questão é ampla, e envolve a estrutura de universidades, institutos e empresas. Professores, coordenadores e chefes ainda são, em maioria, homens, porém, a própria estrutura é machista e patriarcal, sendo nossos orientadores/chefes homens ou não! Ser mulher na arqueologia é tradicionalmente considerado um lugar de fragilidade, onde não somos consideradas capazes de escavar, escrever ou analisar igual os "caras". Somos o sexo frágil, aquelas que engravidam e ficam impossibilitadas de trabalhar, as meninas que usam roupas provocantes (em campo ou laboratório), as mulheres "fáceis" em momentos de descontração. Enfim, as mulheres da arqueologia são em geral consideradas subalternas, seja este intelectualmente, fisicamente ou moralmente, e são avaliadas por critérios outros que os homens (pela obediência, pela beleza, e tantas outras características irrelevantes para a profissão). Como exceções são sempre buscadas para confirmarem a regra, algumas mulheres são consideradas (pelos colegas homens) "muito macho", e recebem o respeito por terem características que as aproximam de seus opressores: aquelas que escavam ou coordenam uma pesquisa/ laboratório como "homem".

É nesse contexto de percepções e conversas coletivas que essa zine foi produzida. Concluímos que, além da ação política direta, de nossa insurgência feminina contra o assédio ou desigualdade de oportunidades, como acadêmicas e profissionais, temos que pautar de uma maneira pedagógica e propositiva. Essa zine foi pensada para leitoras e leitores da arqueologia. Para as leitoras pensamos em propor a construção de redes colaborativas, onde nós mulheres possamos discutir livremente as situações de desigualdade que operam dentro da arqueologia. Aos leitores da arqueologia, buscamos mostrar situações cotidianas de opressão, que são tratadas por muitos colegas como "normais", e explicitar como nos sentimos quando somos assediadas ou subalternizadas. O debate feminista é uma responsabilidade de todas e todos

envolvidos na Arqueologia. O olhar para a/o outra/o nos leva incondicionalmente a olharmos para dentro, e a reconhecer a nossa volta as ramificações da mesma estrutura que dividiu a história entre vencidos e vencedores, negros e brancos, pobres e ricos e, ancorado na divisão entre cultura e natureza, mulheres e homens.

Convidamos a companheiras de outros países e localidades a essa reflexão e ações por uma arqueologia livre de opressões de gênero!

*

“O feminismo é o machismo ao contrário”?!

Se há algo que aprendemos bem na academia é que a fonte da maioria dos preconceitos é a falta de informação e leitura sobre um assunto. Frases como estas são uma demonstração de que pouco se conhece acerca do histórico de reivindicações dos movimentos feministas e suas formas de atuação. A organização da luta das mulheres e/ou LGBTs é fruto de um acúmulo secular na busca por maior igualdade entre os gêneros, por reparações socioeconômicas e pelo fim da violência física e psicológica que sofremos nos mais diversos espaços... e não uma forma de inverter a correlação de forças e assumir o papel opressor que hoje assumem homens. Lutamos para que essas formas de privilégio deixem de existir.

A construção do corpo feminino também é um fenômeno cultural, e se manifesta materialmente de diversas formas: seja através das marcas da violência – que se fixam na memória – seja na imposição de restrições e limites aos gestos e relações sociais, nas divisões de trabalho, na divisão de objetos – exclusivos ou excludentes, etc. Somos nós também produtoras, e não só estudosas, da cultura material! As relações sociais que tecemos dentro e fora dos institutos de pesquisa e das universidades são um reflexo dessa construção.

“O que acontece em campo, fica em campo”?!

Se para você as agressões ficam em campo, para nós elas se prolongam para a vida! Mesmo que as opressões físicas sejam mais facilmente reconhecidas, freqüentemente outras formas são invisibilizadas ou naturalizadas e passam por piada, mérito pessoal, coisa “à toa” e até “cavalheirismo”. Não é engraçado comentar sobre o corpo das colegas de campo ou sobre suas orientações sexuais, muito menos invadir sua privacidade. Nós não temos que ser

resistentes “como homens” para merecermos reconhecimento e temos, cada uma a sua maneira, as mesmas capacidades que qualquer outra pessoa de sermos boas profissionais. Não é “educado” tirar uma ferramenta da mão de uma colega para “poupar-lhe” o esforço ou acelerar o trabalho.

Muitas vezes temos que ouvir “Não se meta, não é da sua conta” ou “Não podemos fazer nada, temos que terminar este trabalho” quando nos posicionamos frente situações de desrespeito. Estas frases também são vetores e prolongamentos do machismo. Quando uma mulher é agredida, nos dói a todas, nos desrespeita a todas, nos mobiliza a todas. A ideia de que mulheres são competitivas por natureza é uma falácia e só colabora para a manutenção do status quo masculino.

Mas... o que eu faço para evitar opressões de gênero na Arqueologia???

Nossa profissão tem uma série de peculiaridades, especialmente por conta dos trabalhos de campo, mas, assim como em qualquer outro lugar do mundo, nem precisamos dizer que a responsabilidade das agressões NÃO é das mulheres, certo? Então, homens, aqui vão algumas dicas!

- 1- Não seja um homem agressivo. Aprenda a ouvir as mulheres. Não significa NÃO. Não, não significa que ela está se fazendo de difícil. Vamos lembrar que: se uma colega te deu um sinal positivo, isso faz dela uma pessoa decidida e resolvida, e não uma pessoa “fácil”.
- 2- A priori, mulheres e homens são perfeitamente capazes de trabalhar em qualquer atividade arqueológica... a não ser aqueles que não tem formação profissional e científica adequada. Lembrem-se que somos todos e todas Homo sapiens e que NÃO, não somos condicionadas por nenhuma natureza feminina frágil.
- 3- Piadas sem graça na frente de outras pessoas, que exponham suas companheiras de trabalho, não te fazem um cara massa.
- 4- Esteja atento! As roupas que suas colegas de campo usam dizem respeito a elas, e não à sua libido. Nosso tipo físico, nossa opção sexual, nossa identidade étnica, a frequência com que temos relações sexuais... não tem absolutamente NADA a ver com nossa atividade profissional.
- 5- Se quiser discordar do posicionamento político ou criticar o ponto de vista teórico de uma colega, diga-o explicitamente, e não use adjetivos pejorativos para isto. Às vezes é melhor ficar quieto...

- 6- Pessoas inconscientes não fazem sexo! Mesmo que ela tenha dito que Sim, ou que algo tenha sido iniciado... tenha sempre isso em mente. Se certifique que a pessoa está segura, e não se aproveite do grau etílico dela. Se você vai ajudar uma mulher ébria, é porque você se importa com ela, então se lembre de agir como um amigo.
- 7- Seja honesto! Não finja ser um amigo preocupado para conseguir a confiança de alguém com segundas intenções. Comunique quais são as suas intenções para que a pessoa possa decidir se quer ou não retribuí-las. Aliás, se você não tem capacidade de ler estes sinais, peça a um/a amigo/a que te acompanhe e auxilie em campo
- 8- Ou melhor, não vá para campo
- 9- Em campo dividimos uma série de espaços públicos e coletivos, mas há alguns que são individuais, como: banheiros (no sentido expandido), barracas, quartos, redes, vestiários, etc. Não entre, a não ser que tenha sido convidado! Aliás, se você não invade o banheiro feminino do laboratório atrás de alguém, por que entraria na sua barraca sem consentimento?
- 10- As mulheres das comunidades, vilas, cidades onde são realizados os trabalhos de campo não devem ser tratadas como subalternas, meninas para se divertir ou menos capazes intelectualmente. **Isso, além de machismo, é colonialismo interno.** O conhecimento e os direitos são iguais para as pessoas do campo, pequenas cidades e grandes aglomerados urbanos. Arqueologia simétrica, colaborativa e comunitária não são conceitos teóricos, é prática de vida.
- 11- Não menos importante! Acobertar a agressão de um colega te faz tanto agressor quanto ele. O silêncio é conivente com a violência. Por favor, posicione-se!

“Não existe pecado abaixo do Equador” (Caspar Barleus, 1584-1648) ↔ **“O que acontece em campo, fica em campo”** (Habitus arqueológico, * -2015).

É muito importante conversar sobre o que acontece em campo, porque nos leva, todas, a ter maior conhecimento e consciência sobre o que está acontecendo. Não se envergonhe de estar incomodada nem se sinta obrigada a aceitar uma situação considerada habitual, se esta situação te sensibiliza. As atitudes preconceituosas e agressivas se encontram naturalizadas, assim tidas como normais.

1. Monte um grupo de mulheres, com reuniões periódicas, para conversar sobre o campo: acontecimentos cotidianos, e como cada uma está se sentindo.
2. Crie uma caixa para recolher histórias anônimas, pois nem todas se sentem confortáveis para se identificar.

3. Estabeleça uma “base” fora do campo – ou seja, deixe alguma colega avisada sobre o que acontece, e quem está em campo. Pense quais seriam as pessoas para quem você poderia pedir ajuda. Nunca se sabe...
4. Combine sinais (sonoros ou gestuais) para mobilizar ajuda – apitos são sempre uma boa opção!
5. Se julgarem necessário, montar o acampamento das mulheres umas próximas as outras.
6. Se você se sentir ameaçada ou assediada, há muitas coisas que você pode fazer, por exemplo: grave ou flime as conversas com ele, ou procure chamar alguma outra mulher para estar junto em algumas situações.
7. Se formada uma comissão de segurança, esta pode ser secreta, preservando assim as ações e cuidados tomados pelas mulheres.
8. Tente prestar atenção na interação dos arqueólogos homens com a população local, principalmente com as mulheres e pessoas LGBTQs, e converse com as outras mulheres sobre algum caso considerado desrespeitoso.

Arqueologia Feminina Auto-Colaborativa!

A decisão de tomar uma atitude mais drástica nunca é fácil, sabemos. Principalmente quando o agressor se passava por companheiro ou amigo, ou quando há uma situação hierárquica posta. Mais difícil ainda é ter que conviver com ele e com a agressão, ter que se ausentar dos espaços de trabalho e, mais importante, viver com o medo.

Se esta for a decisão tomada, há algumas coisas que podem nos ajudar:

- primeiro passo é ligar para o número 180 e entrar em contato com a central telefônica para atendimento às vítimas, criada pela Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM). As profissionais recebem denúncias 24 horas por dia e orientam as mulheres sobre locais de apoio disponíveis e medidas de segurança/denúncia;
- Disque Direito Humanos, Disque 100, funciona 24 horas por dia. Basta ligar, de qualquer cidade, para o número 100, para denunciar violações aos direitos de crianças, adolescentes, idosos, portadores de deficiências físicas e de grupos em situação de vulnerabilidade, ou ainda para obter informações. A pessoa não precisa se identificar.
- Conheça a Lei Maria da Penha, a lei 11.340 de 7 de agosto de 2006. Ela é uma importante ferramenta jurídica em casos de violência envolvendo relações íntimas de afeto ou violência doméstica, e quando precisamos de medidas protetivas de urgência.

- Em todos os Estados brasileiros há pelo menos uma Delegacia da Mulher que, apesar de ter muitos problemas, pode ser ferramenta necessária em caso de ameaças ou concretização de agressões.

*

Com este zine esperamos tirar da invisibilidade algumas das problemáticas das relações que nossos colegas constroem habitualmente conosco e com as comunidades envolvidas nos trabalhos de campo, laboratório e pesquisa em geral “...porém, não de forma respeitosa”.

A ARQUEOLOGIA É UMA CIÊNCIA SOCIAL, COM UMA PRÁTICA ENGAJADA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO. NOSSAS ATITUDES EM CAMPO E COM AS COMUNIDADES INFLUENCIAM NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO. OS DEBATES DESENVOLVIDOS NA ACADEMIA DEVEM SE REFLETIR NA PESQUISA EMPÍRICA, COM TAMBÉM NOSSO COMPROMISSO ÉTICO.

Caixa de Pandora!

Nem todas as expressões das mulheres arqueólogas couberam neste ZINE, construído coletivamente, mas com muito a ser agregado ainda! Deixamos um espaço para receber contribuições, depoimentos e sugestões para tornar este percurso mais completo e efetivo. Nos propomos a coletar estas contribuições para que pensemos, juntas, na melhor forma de lidar com as questões de gênero na Arqueologia. Sintam-se à vontade e seguras para se expressar... nos comprometemos com o seu anonimato!

Assinaturas

Bruna Mantese de Souza – Antropóloga

Camila Jácome – UFOPA

Débora Leonel Soares – Arqueóloga autônoma

Erêndira Oliveira – MAE-USP

Laura Furquim – MAE-USP

Marta Sara Cavallini – Arquetrop

Patrícia Marinho – MAE-USP

Patrícia Rodrigues – Arqueóloga autônoma.

Diagramação: Juliana Gardusi.



Nº 0 – Año 1 – Abril de 2017

